

**EDU**

**KRA**

**LUN**

**GGA**

ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO  
EDUCACIONAL  
DEDICADA AO POVO  
KALUNGA LOCALIZADO  
NO MUNICÍPIO DE  
CAVALCANTE -GO

EDUKALUNGA

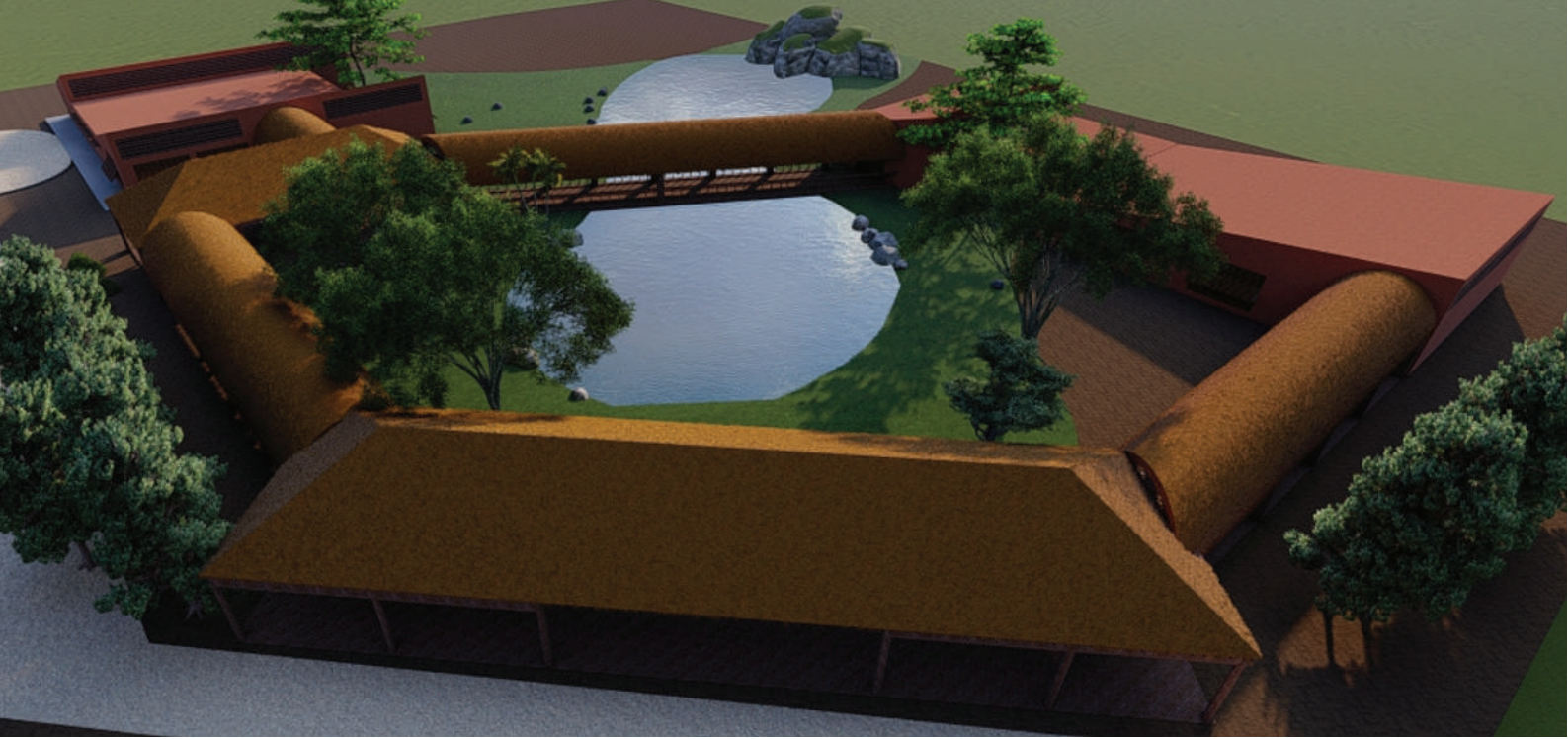
TRABALHO  
DESENVOLVIDO  
PARA CONCLUSÃO  
DE CURSO DO CURSO  
DE ARQUITETURA  
E URBANISMO  
PELA PONTIFÍCIA  
UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE GOIÁS.

ALUNO:  
RENAN DE MORAES  
MIRANDA

PROFESSORA  
ORIENTADORA:  
MARIA ELIANA JUBÉ

JUNHO DE 2022







# **SUMÁRIO**

**Introdução - 1**

**Um Olhar para o Passado - 2**

**O Negro em Goiás - 5**

**Os Donos da Terra - 6**

**Educação em Luto - 8**

**Localização - 10**

**Programa de Necessidades - 13**

**Aspectos Naturai - 14**

**Arquitetura Kalunga - 19**

**APRESNETAÇÃO DO PROJETO - 21**

**Volumetria - 21**

**Materiais e Ventilação - 22**

**Planta Baixa - 23**

**Cobertura - 24**

**Blocos - 25**

**Cortes -27**

**REFÊNCIAS - 29**



# INTRODUÇÃO E OBJETIVO

Os negros são perseguidos em toda sua história, sofrem com ataques a seu povo, cultura e costumes, os quilombolas não se excluem dessa realidade, vem sofrendo preconceito e ataques em diversos momento desde o inicio de suas formações, por causa de suas origens. A seguir uma pesquisa realizada apresenta um breve panôrama sobre as comunidades quilombolas, e apresenta a comunidade em específico que habita na região nordeste de Goiás, na cidade de Cavalcante, os Kalungas - do povoado Engenho II.

Através de estudos, entende-se a situação atual da comunidade estudada e por meio deste apresento como parte da solução para os problemas presente, a educação, para a valorização do espaço e como meio de emponderamento cultural e tradicional. Para isso, a proposta de uma escola que respeite sua cultura, por métodos construtivos, materiais escolhidos, sustentabilidade e espaço para tradições locais. Não somente para o estudo tradicional, mas um local que possa ensinar valores e cultura local, a história do seu povo e a importância da preservação, alinhado ao desenvolvimento tecnológico e ensino de alto nível para que o povo Kalunga tenha o direito de escolha, de ficar e reparar seu povo, como de sair e levar sua cultura para o mundo.

A luta continua.



# UM OLHAR PARA O PASSADO

Para entender o conceito de quilombo, é pensado na ideia de refúgio e resistência, mas para a compreensão mais conclusiva sobre o assunto, estudos são feitos no Brasil desde a década de 30 e diversos estudos de caso são apresentados. Para Edison Carneiro (1988) "O quilombo, por sua vez, era uma reafirmação da cultura e do estilo de vida africanos". A primeira grande concentração de escravos surgiu no estado Pernambuco a primeira que se tem registro é de 1602 e se encontrava em torno de grandes canaviais.

A maior e mais famosa formação foi o Quilombo de Palmares, em Alagoas que desde o século XVII os governantes começaram a organizar expedições para acabar com estas formações.

Não existem provas concretas de todas as acusações que recebiam os negros durante todo o processo histórico de libertação, desde a formação das primeiras comunidades, os quilombos viviam em regime de tranquilidade entre si. "Os quilombolas viviam em paz, numa espécie de fraternidade racial. Havia, nos quilombos, uma população heterogênea, de que participavam em maioria os negros, mas que contava também mulatos e índios"(Carneiro, 1988). Ainda assim, autoridades recebiam muitas notificações de assaltos e crimes cometidos pelos negros nas cidades, acusações essas sem fundamentação. Mesmo com todas as evidências perdidas pelo tempo, o que se mantém é a certeza da herança de um preconceito que atravessa gerações.



Imagem: (<https://portal.unit.br/blog/historia-e-cultura-afro-brasileira-regata-raizes-africanas-e-indigenas/>)



Imagem: (<https://escolaeduacao.com.br/revoltas-escravas/>)

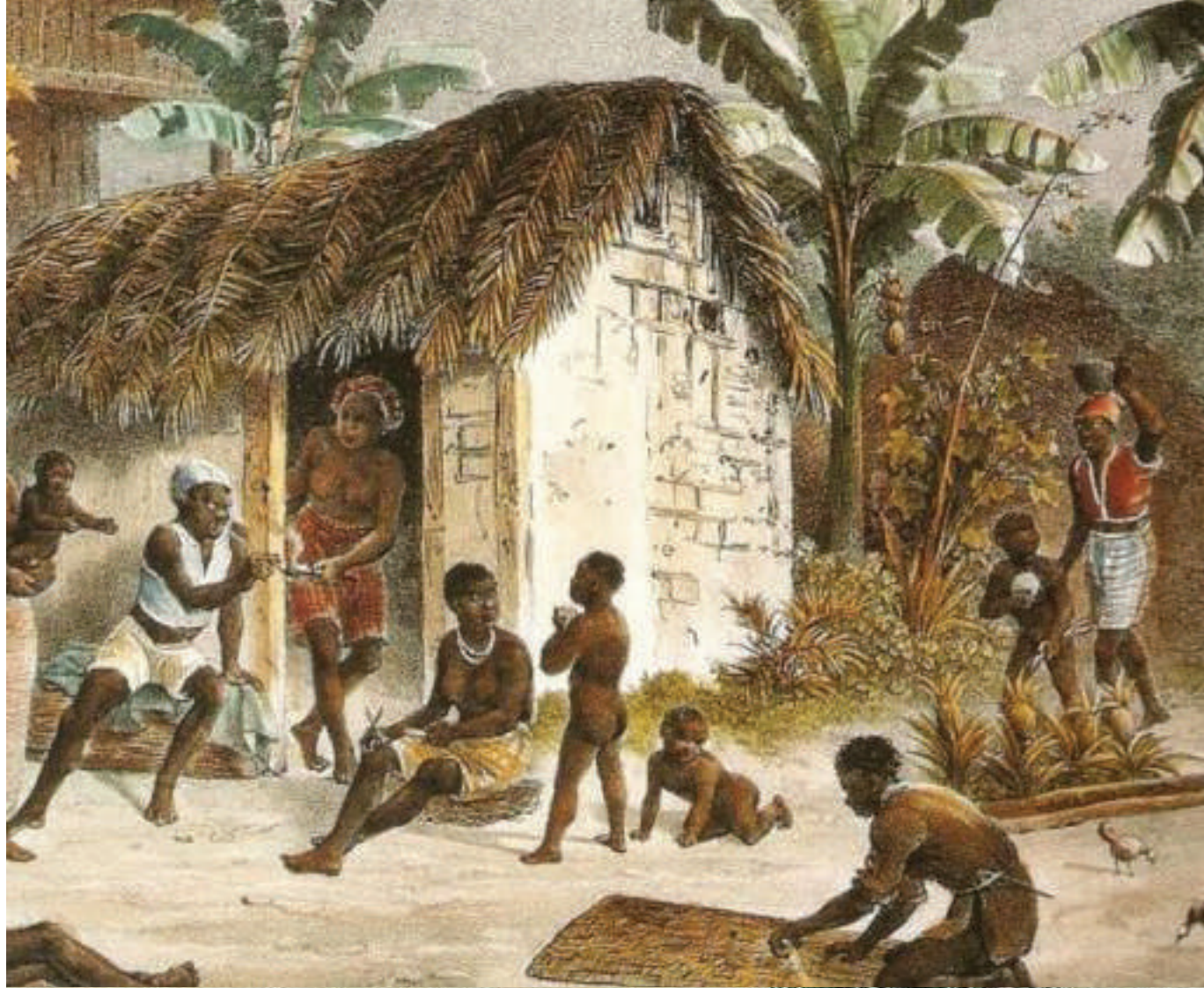
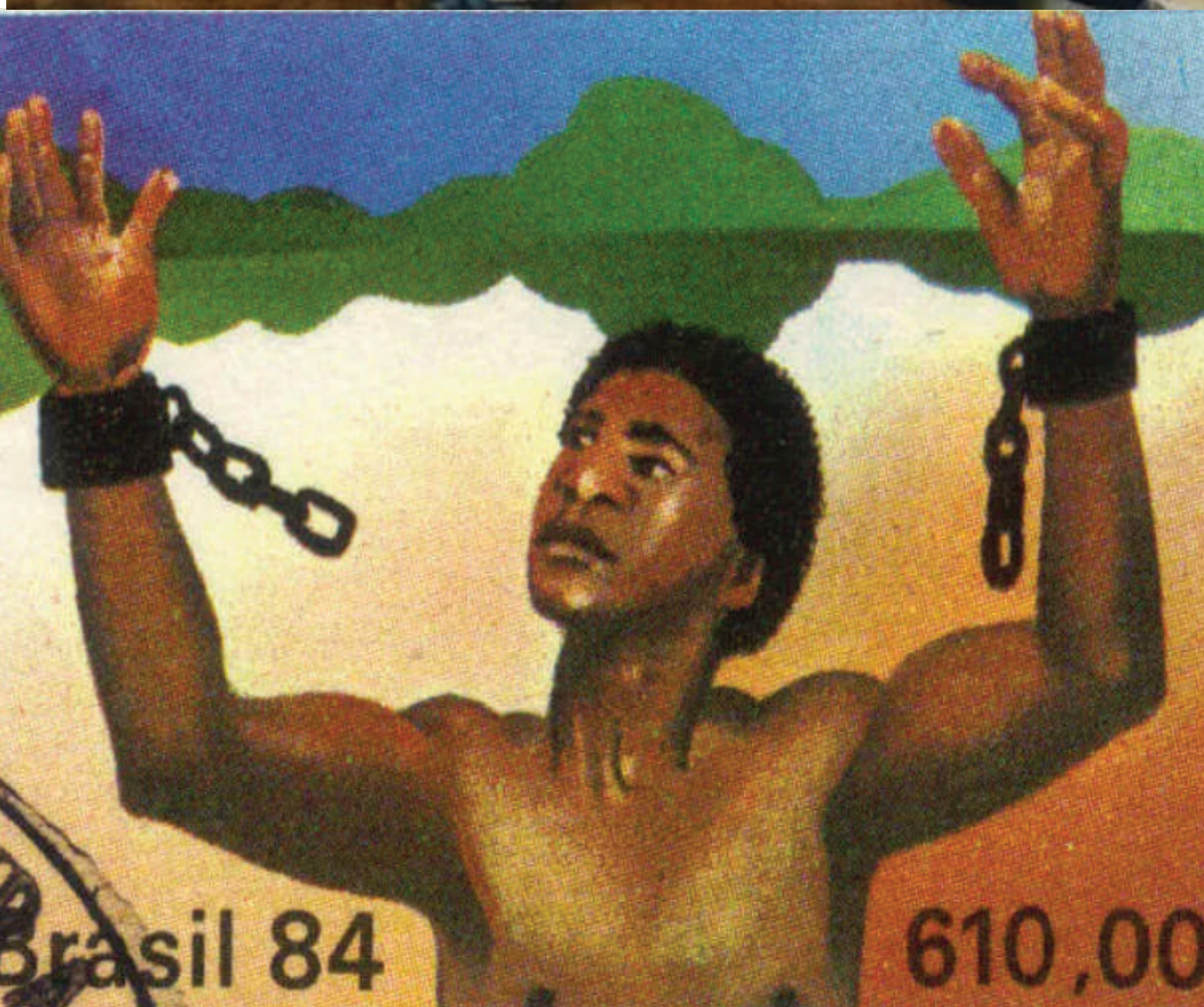






Imagem: Brasil Escola



Selo comemorativo abolição: Fonte: Brasil Escola



# O NEGRO EM GOIÁS

É de conhecimento público que o negro foi de fundamental importância para a formação cultural, social e econômica no Brasil. O estado de Goiás não fica de fora nessa conta. As lutas existiram em peso em todo território goiano, como cita o historiador Palacín:

*Se a existência de quilombos implica maus tratos para o escravo, em Goiás constitui um testemunho impressionante. pois não há, praticamente, arraial sem a sombra de seu quilombo.*  
(PALACIN, 1972)

O estado se caracterizava como um ótimo abrigo devido suas características geográficas, principalmente pela sua distância do litoral, onde se encontravam os principais centros portugueses. De certo é desconhecida a origem do povo Quilombola no estado mas diversas versões são contadas ao longo do tempo. Os mais famosos, segundo Silva(1974) são que o povo vem foragido do Norte e Nordeste brasileiro e outra também aceita é a teoria de que foram abandonados pelos seus senhores após o esgotamento de recursos na região central. São presentes tantos assentamentos no estado, que todas as teorias são aceitas e consideradas então para fins de pesquisa neste caso focaremos no agrupamento Kalunga que é umas das comunidades remanescentes, não somente no estado mas em todo o território nacional.

O povo kalunga é essencial para a preservação do meio ambiente no nordeste goiano, já que em sua cultura, prevalece o contato com a natureza e seus costumes, tradições e meios de produção dependem disso. O MEC evidencia a relação do Kalunga com a natureza em :

*"...o povo Kalunga, que dependia do conhecimento da natureza para sua sobrevivência, aprendeu também a preservá-la. Esses descendentes de africanos, que respeitavam*





os seus antepassados, sabiam que a natureza devia ser respeitada para que seus recursos pudessem ser utilizados pelos seus filhos e netos e netos dos seus netos. Esse conhecimento até hoje faz parte do seu modo de vida do povo Kalunga." (MEC, 2001p.36)

A pesquisadora Mari Baiocchi (1999) conclui então:

*"O negro foi o elemento principal que possibilitou a colonização do vasto território goiano, com seu trabalho nas minas, abarrotava os cofres da coroa, permitia abastança dos senhores e deitava na terra as sementes da subsistência do homem, implantando a lavoura de subsistência, que mais tarde florescia."* (BAIOCCHI, 1983: 19).

Infelizmente sua importância para o crescimento do estado não foi o suficiente para a proteger o povo do racismo existente, diante disso, várias formas de resistência aconteceram e acontecem até os dias de hoje, entre elas, as fugas que justificam a formação dos quilombos.

## Os Donos da Terra

A forma de trabalho do Kalunga é substancial, não há registro de máquinas, somente o trabalho manual, sua principal atividade econômica é a agricultura para consumo próprio e o plantio de mandioca para a comercialização de farinha em cidades vizinhas.

Suas principais produções são Mandioca, arroz, abóbora, feijão, milho e gergilim.

Tradicionalmente a relação com a natureza se mantém, rios e outras fontes de águas sempre estão presentes no território kalunga, assim como a relação direta com os animais. Baiocchi (1999) esclarece a relação de suas moradias com a roça e a natureza dando uma característica específica e única aos agrupamentos:

*"A roça faz parte da terra, a terra é a casa do homem. A roça e o território confundem-se. A roça, como o território, é administrada pelo grupo constituído pela família extensa, pertence aos ancestrais."* (BAIOCCHI)

Por se tratar de algo manual e familiar, tradicionalmente há ajuda das mulheres e crianças para o plantio e colheita. Para os kalunga, a tradição é muito importante, ensinada através de gerações e mantidas até hoje.

Mesmo com a valorização de suas tradições, os Kalunga entendem a facilidade que as novas





tecnologias proporcionam a eles, então, com a chegada de estradas e veículos, cidades vizinhas conseguem ajudar naquilo que eles sentiam a falta, por exemplo no transporte para acesso ao estudo de jovens e adultos, chegada de medicamentos e saída de mercadorias. Porém, o esse contato com a tecnologia também trouxe problemas para o povo remanescente, relatos de posseiros que desejam tomar as terras para criação de novos espaços para grandes produções. Em uma entrevista para a pesquisa do desenvolvimento da tese de Avelar e Paula (2003) o morador do Engenho II da seu relato:

- Ouvimos dizer, que o Senhor passou por alguns problemas com posseiros, que lhe tomaram a terra. O Senhor poderia nos relatar como isso aconteceu?

- Sr José: Eles correram comigo desse lugar onde meu pai morava antigamente.

-Eles quem?

- Sr José: É... o pessoal que comprou aí, os paulista

- E o que aconteceu neste lugar?

- Sr José: Tem o Abel, que é um parente meu, ele mora lá em Cavalcante, nos era uma família, aí o Abel foi e vendeu para eles foi e me arrancou de lá.

- O Abel vendeu um pedaço, e a terra do Senhor era a do lado?

- Sr José: Era a do lado. Naquele tempo a cerca que nós cercava era de pau, não tinha essa de arame que hoje tem, por isso o Abel vendeu a dele e a minha foi também. O Abel era meu primo, é tudo de uma família só, tudo dos Maia.

- Como os paulistas fizeram para tirar o senhor da sua terra?

- Sr José: Eles mando eu sai desse lugar aí Lá só de abacate eu tinha 18 pé, mais 70 tocera de banana mais de 100 tocera de cana, a roça tava formadinha, tinha café, tudo eu tinha.

-Aí o senhor saiu da terra porque eles mandaram?

- Sr José: Sai Ainda tem as frutera até hoje lá. Tem mangueira, dois pé de abacate. No resto eles meteram o trator e ranco tudo.

- E o que eles plantam hoje lá?

Sr José: Não estão plantando nada. Eles araram lá, o Sr. Paulim eles plantava arroz. plantava milho, aí ele faltou, agora tá parado lá, tá tudo capoeirão

- O senhor ainda trabalha na roça?

- Sr José: Eu vou. Planto numas terras perto da Fazenda Paciência, fica a uma légua daqui. Eu sou roxo pela roça ... Sou roxo pela roça.

(José Francisco Maia, 62, Engenho, dia 22/08/1999).

# Educação Em Luto

Analisando os dados disponibilizados pelos órgãos oficiais e traçando uma comparação com levantamentos locais, nota-se uma precariedade nas estruturas referentes a educação, no geral, nas comunidades Kalunga no estado de Goiás.

Além dos problemas estruturais, a comunidade apresenta grande dificuldade em relação ao transporte, muitas vezes, jovens e adultos deixam de frequentar as escolas por não conseguirem chegar às escolas.

Outra questão que não é trabalhada hoje no município e que merece atenção especial, é o fato de que comunidades Kalungas, que não apresentam na grade curricular de suas escolas, especialização na disseminação e perpetuação de seus saberes, dialetos. As crianças Kalungas em idade escolar, aprendem somente os ensinamentos tradicionais, tendo sua cultura esquecida e desprezada.

Atualmente a comunidade Quilombola situada no município de Cavalcante, recebe apoio de algumas organizações voluntárias que auxiliam nas questões educacionais, porém, a situação continua sem apoio em sua maior parte.

Não é um trabalho simples, trabalhar com educação em um território Quilombola, a comunidade Kalunga apresenta baixos índices de escolaridade e analfabetismo; problemas decorrentes da seca e da regularização das terras que comprometem a cultura de subsistência. Estas condições estabelecem níveis desfavoráveis que colocam a comunidade em risco de vulnerabilidade e abaixo da linha da pobreza.

De acordo com os dados fornecidos no simpósio Nacional do Cerrado em 2008, realizado em Brasília:

*"A comunidade Kalunga enfrenta problemas de infraestrutura, pouca mobilidade devido às precárias condições de acesso e estradas; dificuldades com assistência médica e educação, concentrando baixos índices de escolaridade e analfabetismo; problemas decorrentes da seca e da regularização das terras que comprometem a cultura de subsistência. Estas condições estabelecem níveis desfavoráveis que colocam a comunidade em risco de vulnerabilidade e abaixo da linha da pobreza."*



Exemplo de escola em Povoado Kalunga -  
Fonte: Plano Diretor de Cavalcante-GO



Foto de Aula na Comunidade do Engenho II  
- Fonte: MPMO

Quando tratamos de políticas educacionais, temos o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), introduzido pela Lei nº 10.639/2003, diz a respeito da obrigatoriedade do estudo da História da África e da Cultura afro-brasileira e africana e do ensino das relações étnico-raciais, instituindo o estudo das comunidades remanescentes de quilombos e das experiências negras constituintes da cultura brasileira. Pelo Parecer CNE/CP nº 03/2004 todo sistema de ensino precisará providenciar “Registro da história não contada dos negros brasileiros, tais como os remanescentes de quilombos, comunidades e territórios negros urbanos e rurais” (BRASIL, Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003)

Porém, dados oficiais oferecidos pela prefeitura local, explicita que na prática não é assim que funciona. Nenhuma escola presente nas comunidades quilombolas da região apresentam ensino específico sobre a cultura local.

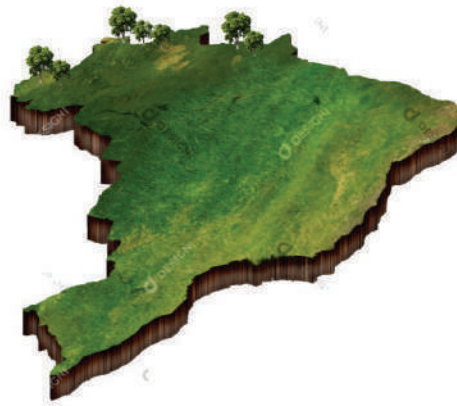
A CONAE (2010) definiu que a educação quilombola é da responsabilidade do governo federal, estadual e municipal e estes devem:

- a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional.
- b) Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meioambiente e a geografia local.
- c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnicoracial do grupo.
- d) Garantir a participação de representantes quilombolas na composição dos conselhos referentes à educação, nos três entes federados.
- e) Instituir um programa específico de licenciatura para quilombolas, para garantir a valorização e a preservação cultural dessas comunidades étnicas.
- f) Garantir aos professores/as quilombolas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização
- g) Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas, a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.
- h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas (BRASIL CNE, 2011)

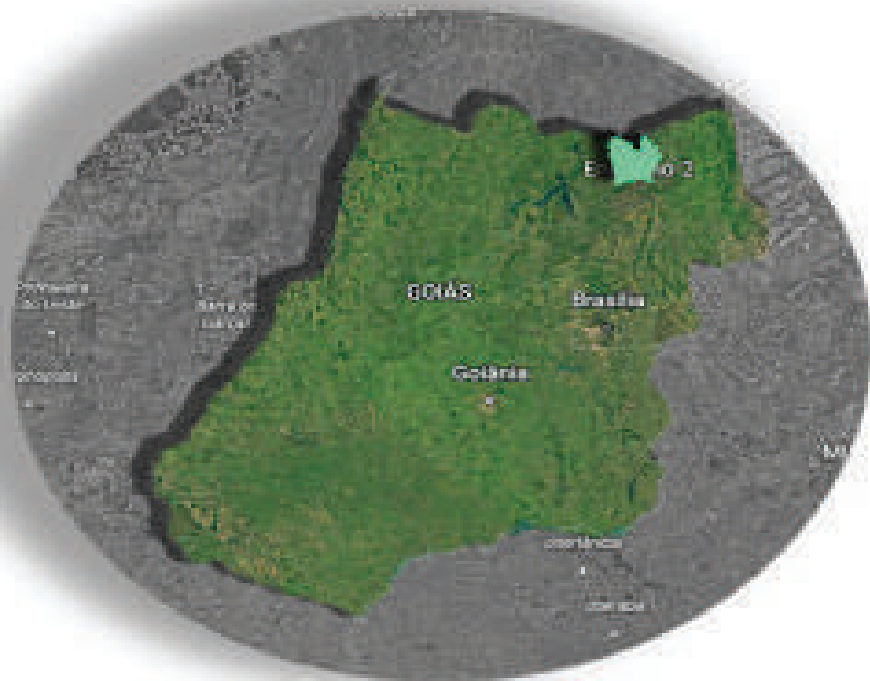
Fica evidenciado então as obrigações que devem ser tomadas, incluído também, itens a serem considerados quando se projeta uma arquitetura quilombola.



# Onde Fica?



Em uma das regiões mais ricas do Brasil, o Engenho II é localizado na região centro oeste do País, no Estado Goiás, mais especificamente, na região Noroeste, dentro do município Cavalcante, um dos municípios que abriga a mundialmente conhecida Chapada dos Veadeiros.



Distâncias:

Goiânia a Engenho II - 7 h. 539 km

Brasília a Engenho II - 4 h. 20min. 343 km

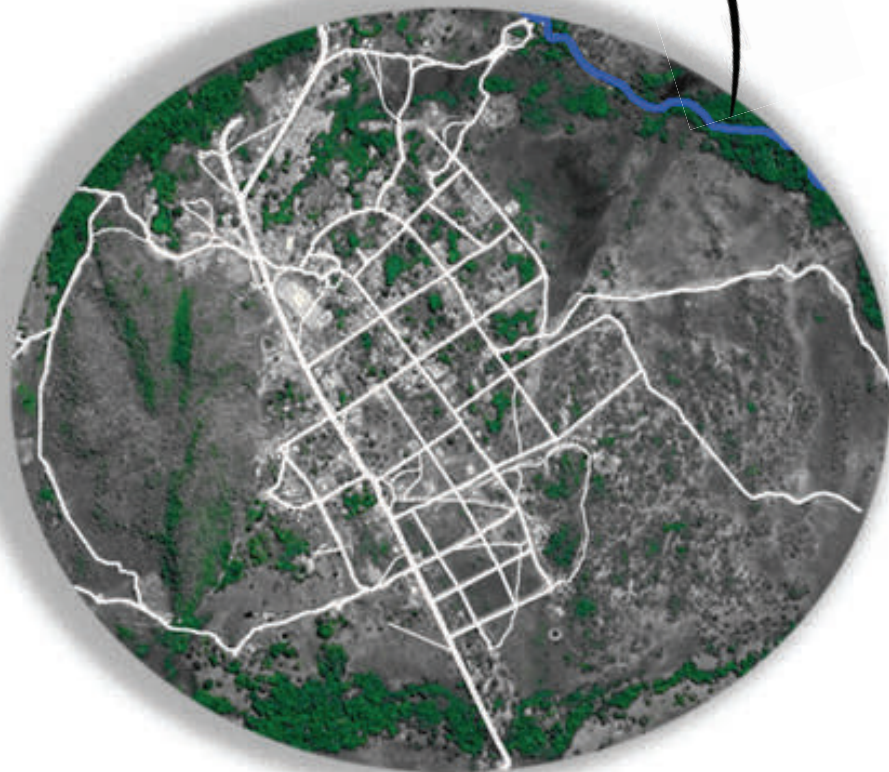
Cavalcante a Engenho II - 40 min. 27,4 km

# O Engenho II

A comunidade Kalunga do Engenho II localiza-se a 27 km do centro urbano de Cavalcante. Em relação a população local, de acordo com o agente de saúde da comunidade, também Kalunga, o Engenho II possui 160 domicílios habitados, sendo que o número de famílias em cada casa varia, podendo chegar a 8 em uma única residência (Roriz, 2020).

Em entrevista, a Cássia Roriz, o líder kalunga do Engenho II, Cirilo dos Santos deixa explícito que Os quilombolas procuram ser conhecidos para que essa visibilidade atraia pessoas dispostas a ajudar o povo em forma de melhorias e investimentos para a comunidade.

RIO MAQUINÉ  
Conhecido também  
por PARANÃ





Moradores do Engenho II: foto: <https://porlatierra.org/casos/67/caracteristicas>



Moradora do Engenho II: foto por Caio de Freitas Paes, de Cavalcante (GO)



# O Kalunga Hoje

Como já foi dito anteriormente, o quilombola Kalunga reconhece as vantagens tecnológicas que são provenientes de outras culturas, porém, ainda hoje levam suas tradições muito a sério. No último censo, foram levantados que na comunidade do Engenho II vivem cerca de 625 pessoas, porém, a informação diverge quando comparada ao levantamento do agente de saúde local, que indicou 768 pessoas e entre eles a maioria são jovens. Além de suas atividades no campo, a segunda atividade mais realizada é o Turismo.

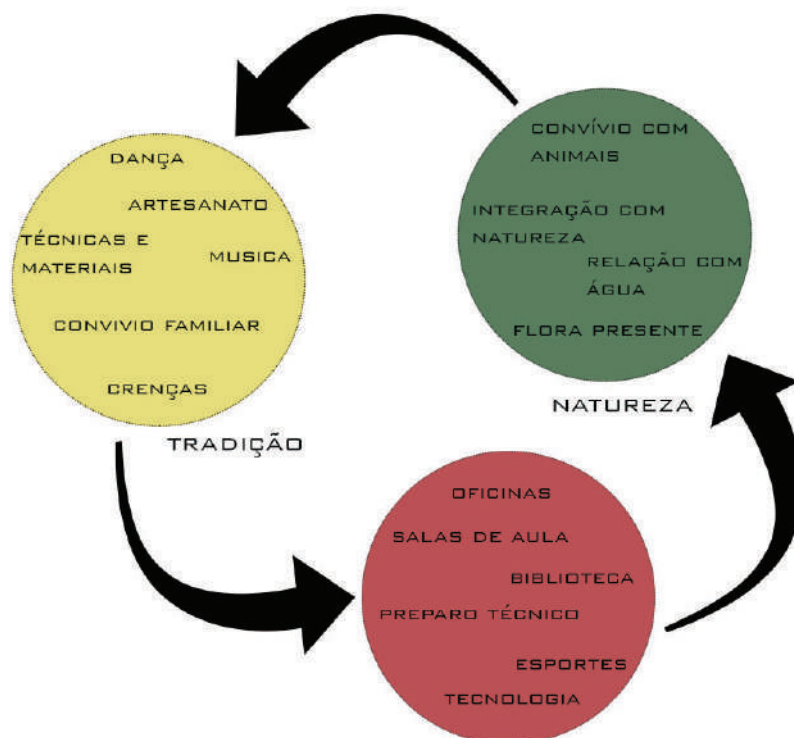
O morador da comunidade quando é jovem, é tentado a arriscar uma vida nos centros, e por muitas vezes é frustrado e acaba retornando ao Engenho II.

Uma entrevista dada a arquiteta Cássia Roriz (2020) o guia Alexandre aponta: *“a criança na comunidade passa o dia todo no meio do mato, e quando cresce fica fácil ser guia, eu mesmo conheço isso aqui tudo”*.

E fortemente alinhada a sua relação com a natureza e o turismo, atividades artesanais fazem parte da rotina kalunga. E assim geram renda a população, onde seus produtos são vendidos aos turistas que desejam conhecer a região.

## O Programa de Necessidades

Analisando os problemas apresentados por pesquisas, estudos e depoimentos dos locais, fica entendido que não só a falta de visibilidade, mas também a de oportunidades são almejadadas pela população que ali reside. O maior obstáculo, para resolver esses problemas, é a necessidade de mantimento da cultura e tradições locais, então, para um projeto eficiente nos basearemos em 3 grandes pilares - Tradição, Inovação e Natureza. Desta forma, encontra-se um equilíbrio para a evolução, sem a perda da identidade. O esquema a seguir, desenvolvido pelo auto deste projeto, esquematiza a necessidade local:



# ASPECTOS NATURAIS



E S P A Ç O P A R A  
I M P L A N T A Ç Ã O D O P R O J E T O .

A ventilação dominante na região do Engenho II é a Nordeste, ventilação dominante na região da Chapada dos Veadeiros. A chapada, é uma região que bate as maiores altitudes do estado, o relevo alcança altitudes maiores que 1.200 metros.

Além da mudança no relevo, é facilmente percebido a mudança de temperatura chegando ao local.

E mesmo estando cercado por regiões de vales e grandes formações rochosas, a comunidade do Engenho II encontra-se numa área plana e pouco acidentada.



# PAISAGEM LOCAL



C a c h o e i r a   C a n d a r ú   -   f o t o :   C u r t a M a i s

As cachoeiras locais são uns dos principais atrativos para a região, muitos turistas visitam o local em altas temporadas. Turismo esse que gera uma renda extra para a região como oportunidades de empregos e venda e artigos locais. As caichoeras mais famosas sao a Santa Barbara e a Candarú.



C A C H O E I R A   S A N T A   B A R B A R A - C A T R A C A L I V R E   -   J U L I A N A G O M E S



# VEGETAÇÃO NATURAL

Os kalunga, como dito anteriormente são de papel vital para a preservação do cerrado, então, o que se encontra por lá são árvores e vegetação nativa, característica da região. Em todo o entorno e também no interior da cidade, são avistadas árvores como: Baruzeiros, Jatobá, Pequizeiros e Buriti, espécies essas que alcançam de 12m a 35m.



Jatobá - Foto: google (sem direitos autorais)



Pequizeiro - Foto: google (sem direitos autorais)



# PAISAGISMO

O paisagismo pensado para o projeto possui um conceito simples, caminhos cobertos com Palha de Buriti (técnica local) com o uso da madeira e a criação de um canteiro na fachada principal, apenas. Como vegetação, foi decidido que as árvores locais serão mantidas, e a inserção de algumas novas, da mesma espécie, para manter a identidade existente. No projeto, um lago central será construído, abastecido com a água do rio Maquiné, visando a melhoria do problema das secas, presenciado em boa parte do ano na região

Buriti - Foto: google ( sem direitos autorais)



Bazuzeiro - Foto: google ( sem direitos autorais)





Fotografias: Elder Miranda Jr/AQK (Brasil de Fato)



# ARQUITETURA KALUNGA



(Foto: Arquivo Pessoal GI/ Carla Marinho)







Casas na comunidade Engenho II - Foto: Google Imagens



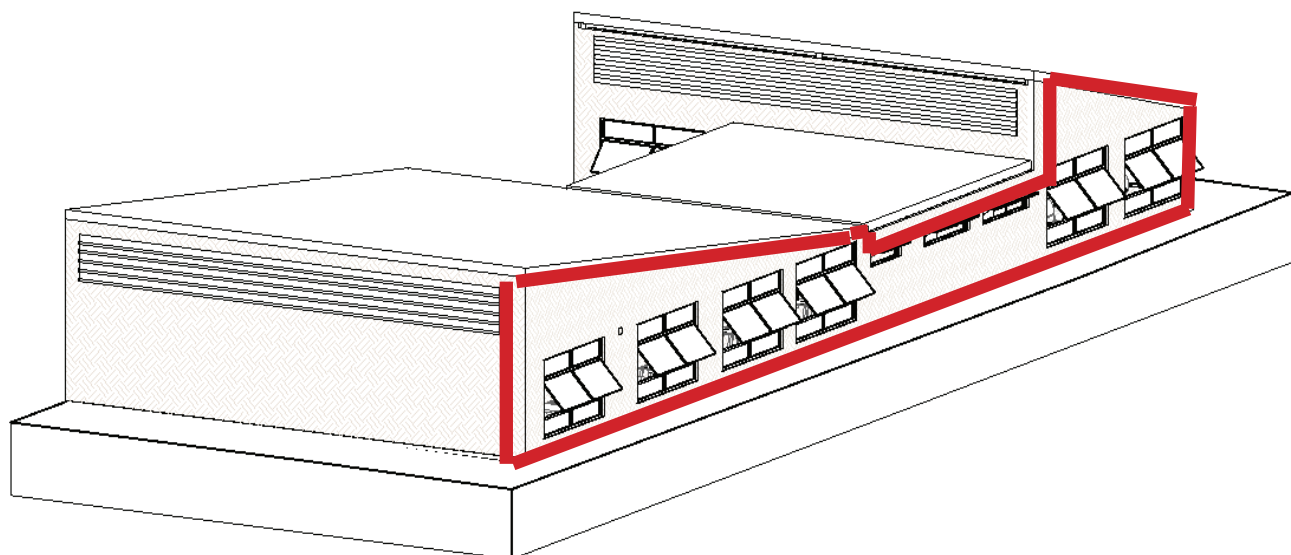
Imagem aérea do Engenho II: Foto: GOOGLE Imagens



# O PROJETO EDUKALUNGA

O projeto foi pensado para alinhar técnicas construtivas e materiais já conhecidos pelos Kalunga, eficiência energética com ajuda de recursos naturais como água e vento e ideais tecnológicos, com espaço para aulas e eventos tradicionais. O partido do projeto é o alinhamento do povo inserido no meio ambiente. a cobertura inclinada indica a presença das formações rochosas do local, o lago central para o uso de todos que ali frequentam e as coberturas nos caminhos feitos com as palhas do Buriti, representando a população local.

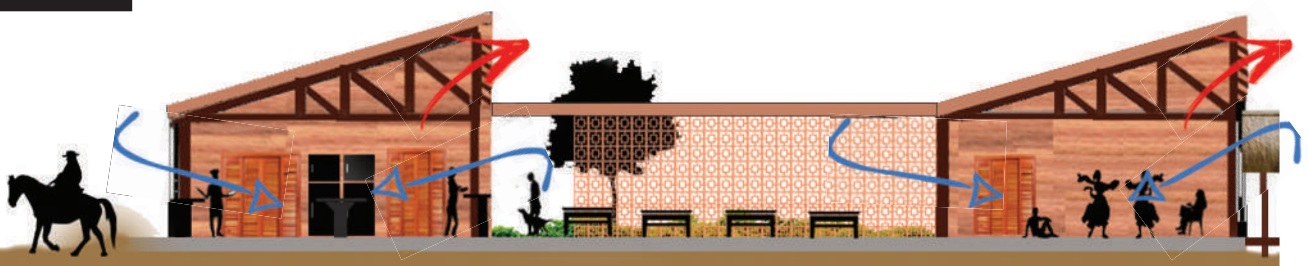
## Volumetria



# Materiais e Ventilação



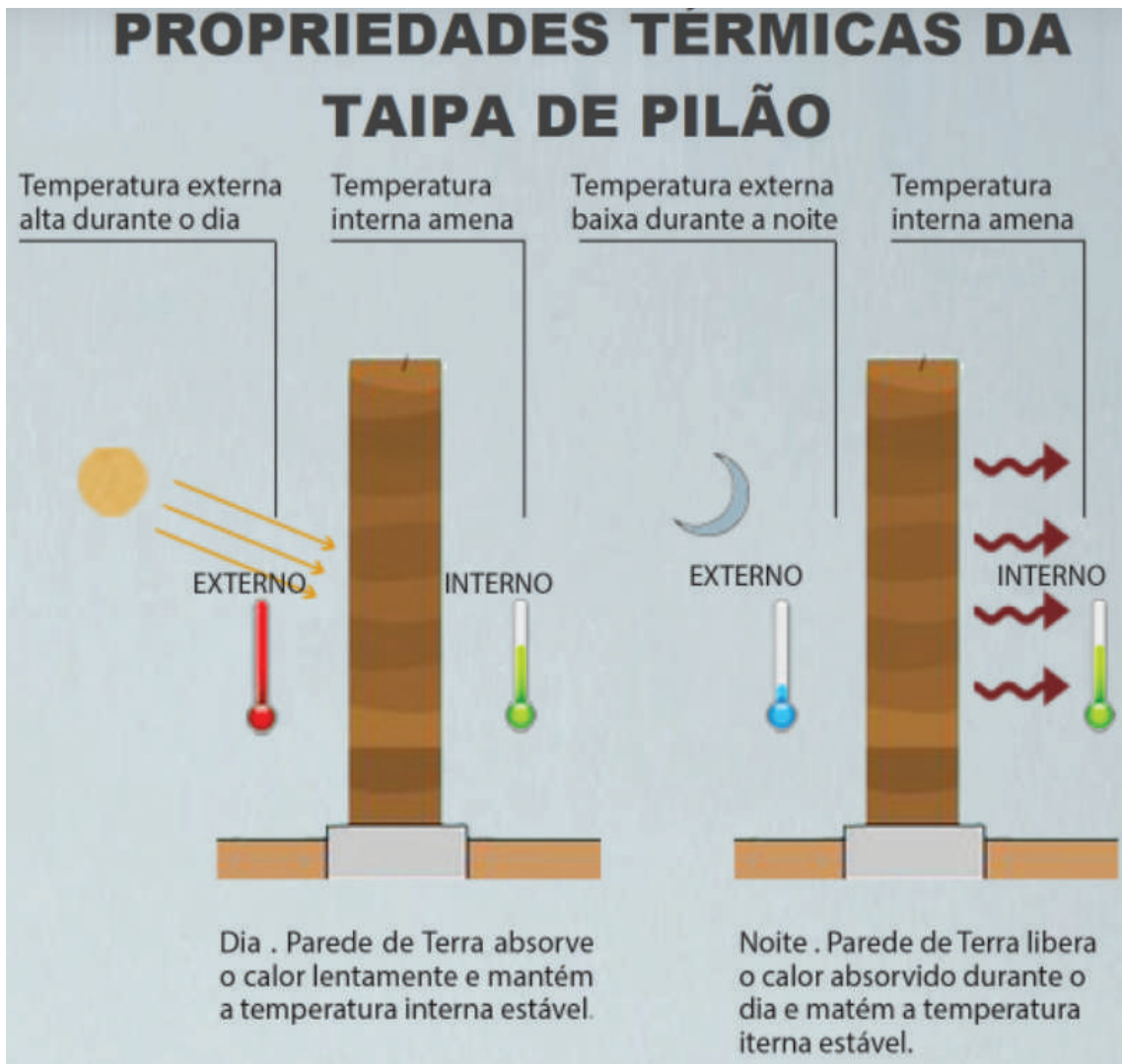
A cobertura da circulação exterior será em palha, fabricada da fauna local com folhas de buriti, técnica dominada pelos Kalunga, e as paredes em cima de uma fundação de concreto para evitar o contato com o solo e danos causados pelo empoçamento de água causado pelas chuvas.



O ambiente é bem ventilado, por todas as direções e foi pensado para manter a temperatura agradável, as paredes de taipa, mesmo nas temporadas de frio, essas estruturas ajudam a segurar a temperatura ambiente, e no caso de altas temperaturas, aberturas superiores foram criadas para que o vento circule naturalmente, por meio da ventilação cruzada.



A taipa quando bem executada, além de ser um material muito estético, é um ótimo elemento térmico. Além de ser um material que tradicionalmente pertence ao povo Kalunga. Algum preconceito existe devido a criação de ninhos de mosquito barbeiro, transmissor da doença de Chagas, porém, casas ja foram executadas com o material, comprovando que o problema pode ser contornado. Uma pesquisa realizada pelo Atelier O'Reilly Estratégias Sustentáveis – Casa terra mostra esquematicamente como funciona:



Ricola Kräuterzentrum na Suíça – Herzog & de Meuron



Foto: Edward Birch

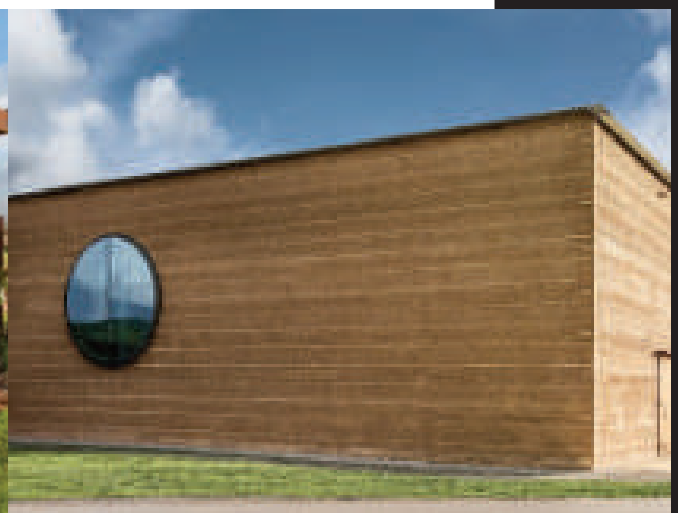
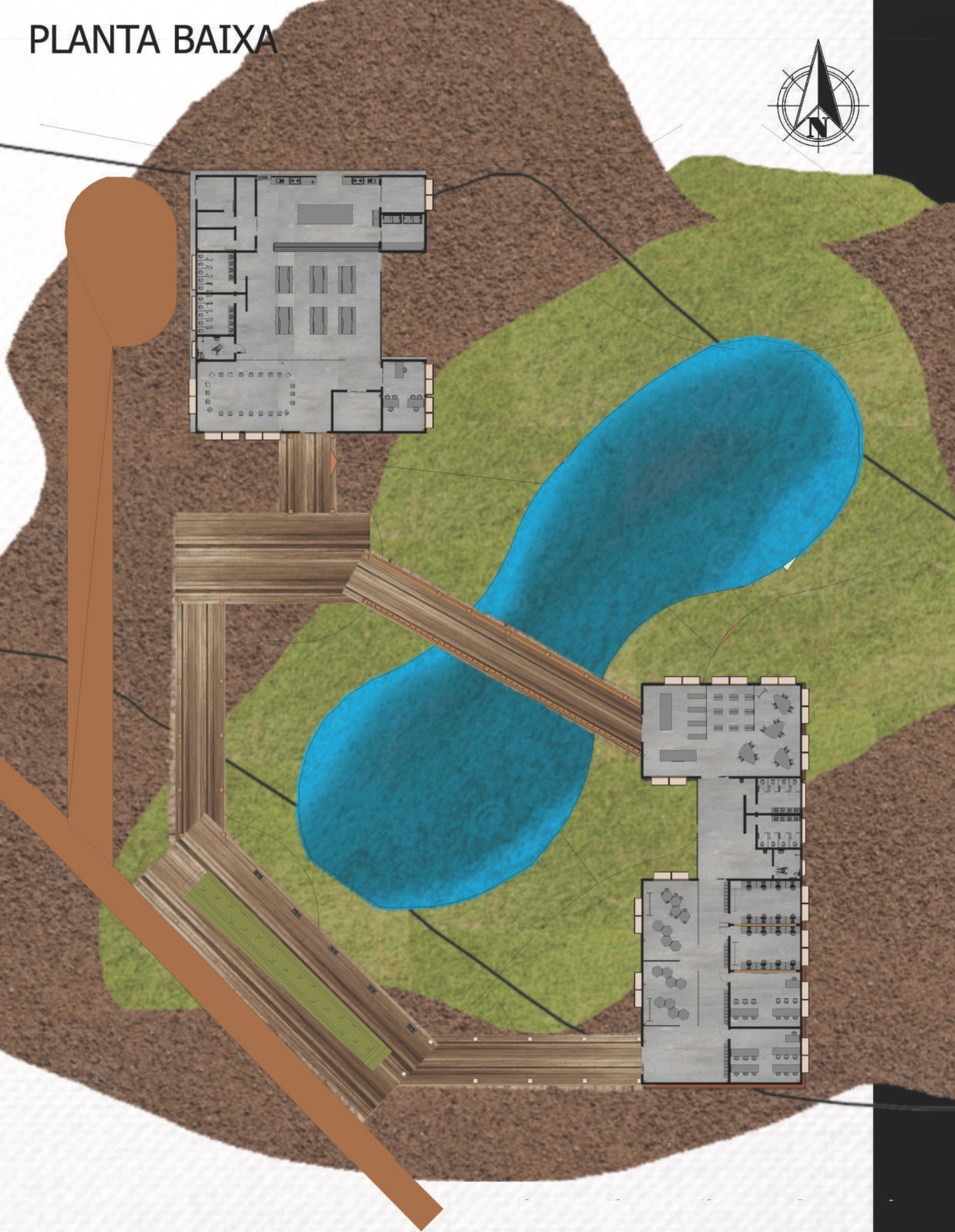


Foto: Iwan Baan

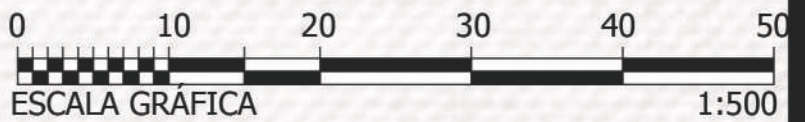
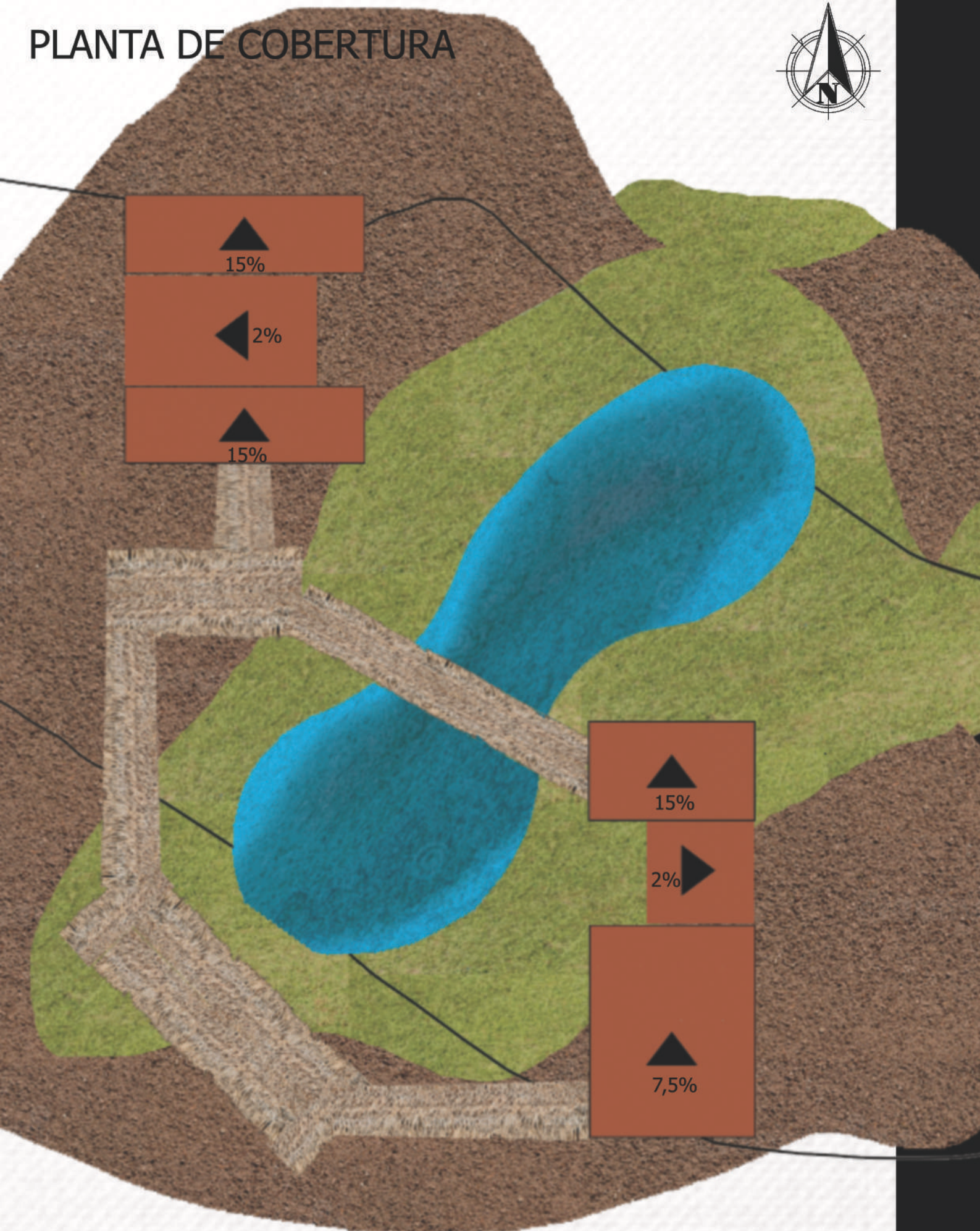


# PLANTA BAIXA





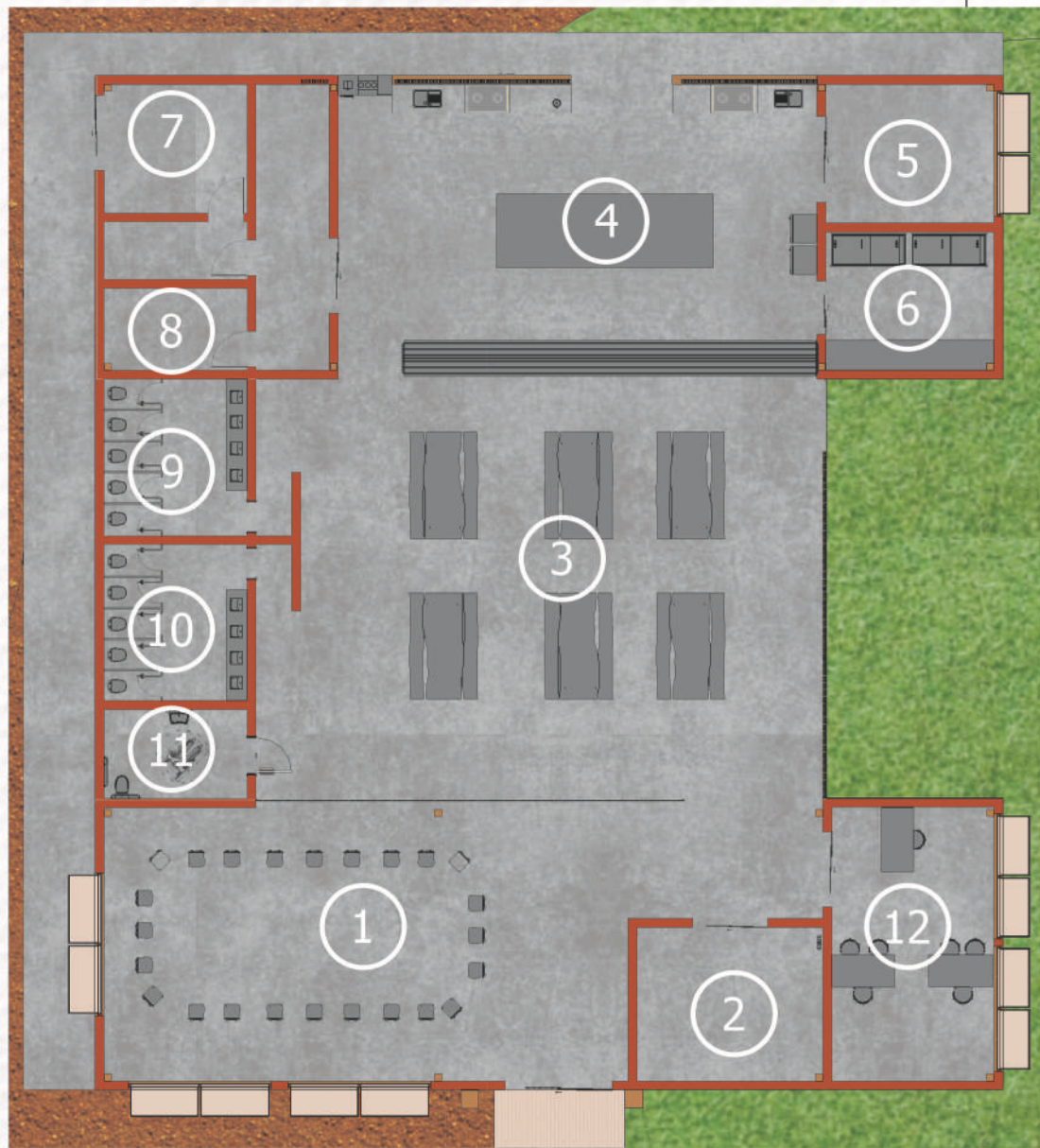
# PLANTA DE COBERTURA



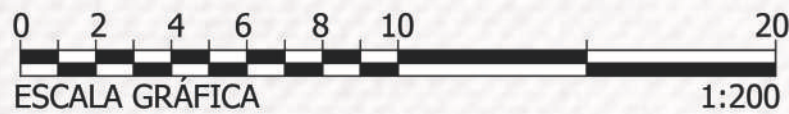


# PLANTA BAIXA:

## Bloco Paraná

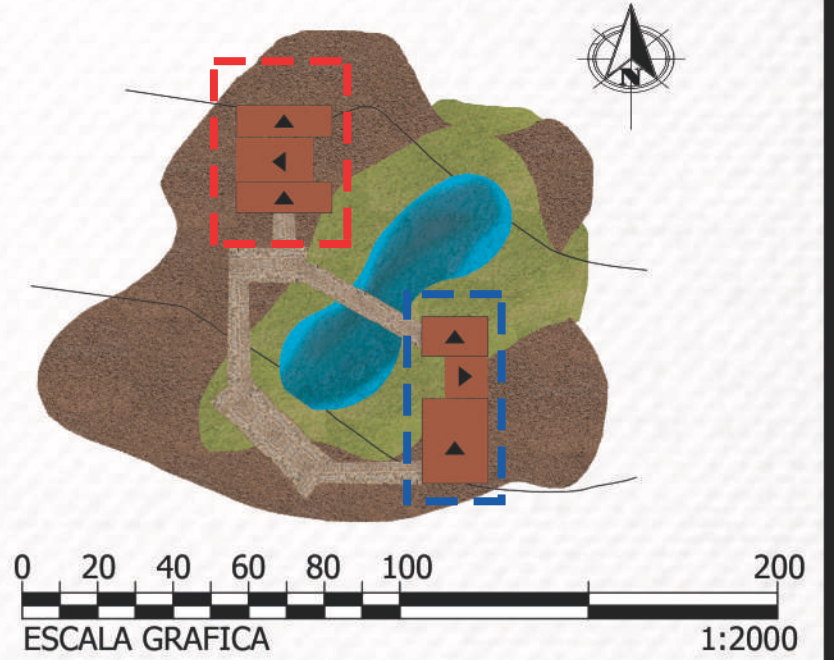
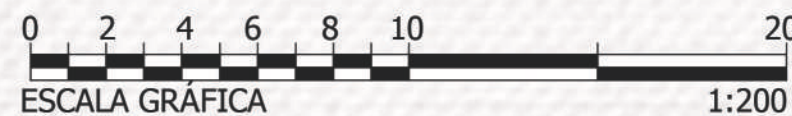
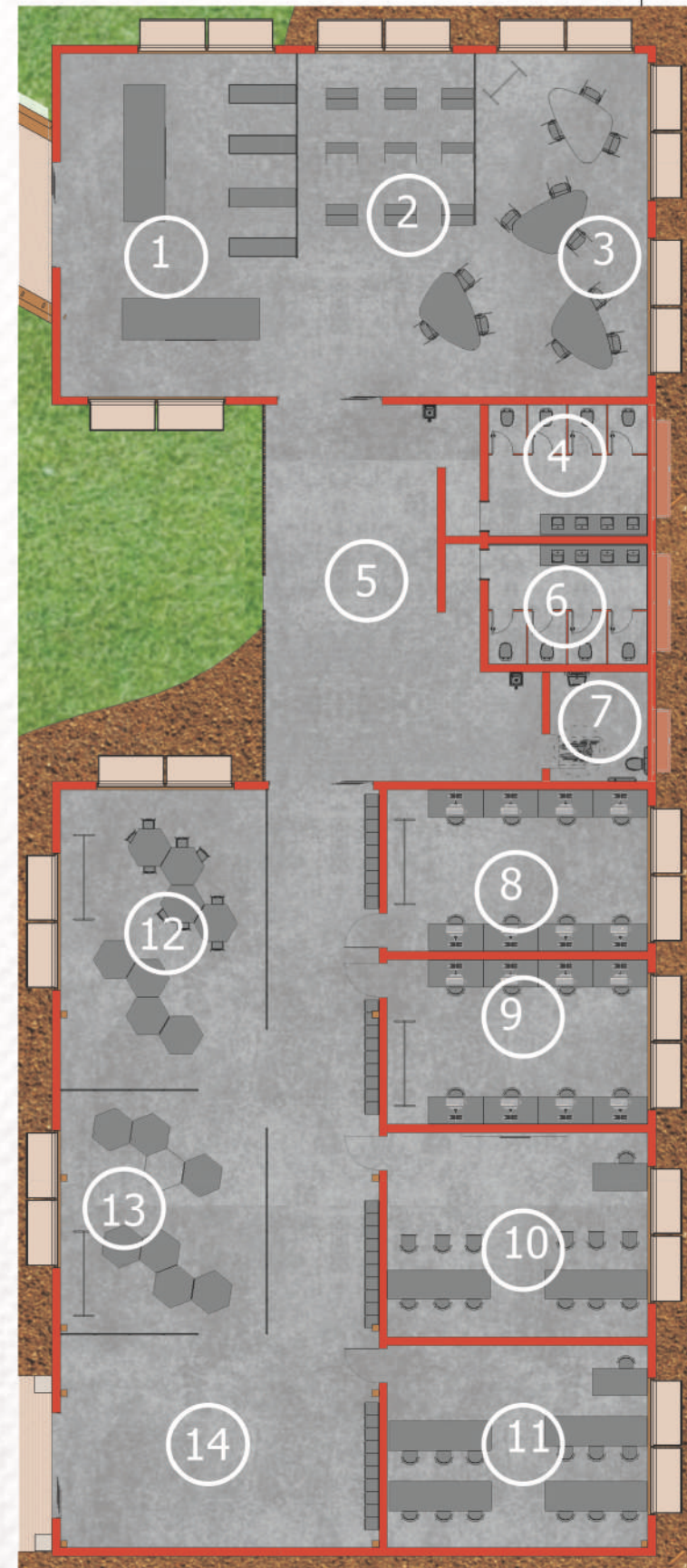


### Legenda Paraná:



- |                           |                    |
|---------------------------|--------------------|
| 1 - Sala de Eventos       | 7 - Dep. de Lixo   |
| 2 - Depósito de Materiais | 8 - A. Serviço     |
| 3 - Refeitório            | 9 - Wc Masculino   |
| 4- Cozinha                | 10 - Wc - Feminino |
| 5 - Apoio Nutricional     | 11 - Wc Acessível  |
| 6 - Despensa              | 12 - Administração |

## Bloco Maquiné

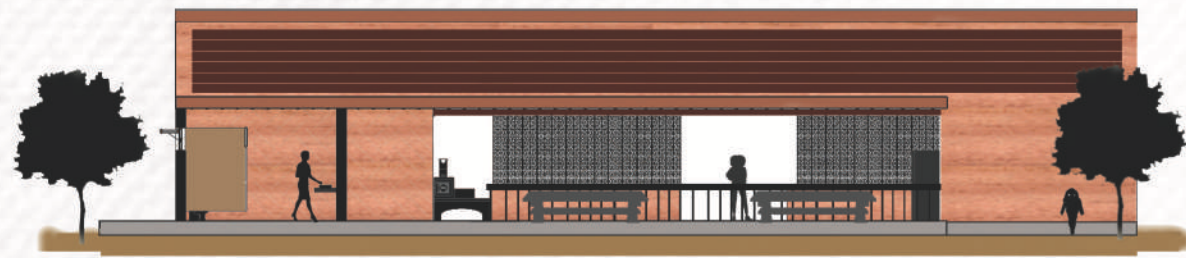


### Legenda Maquiné:

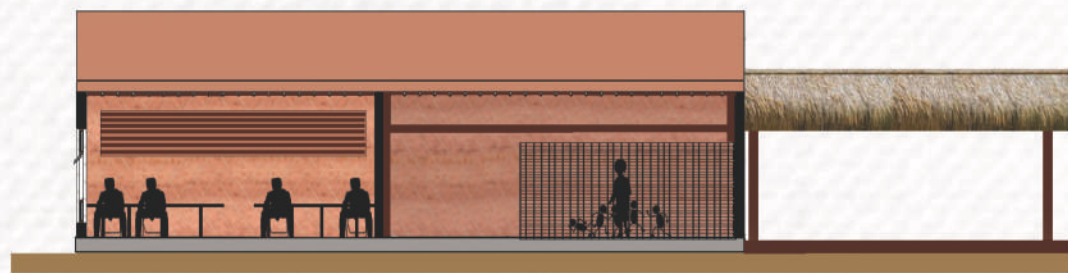
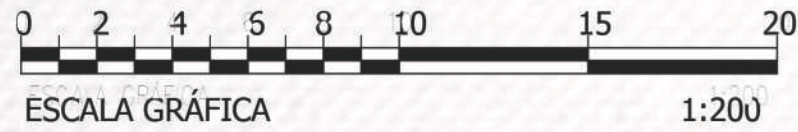
- 1 - Sala de Exposições Kalunga
- 2 - Biblioteca
- 3 - Sala de Estudos
- 4- Wc. Masculino
- 5 - Hall Jardim
- 6 - Wc. Feminino
- 7 - Wc. Acessível
- 8 - Sala de Informática 1
- 9 - Sala de Informática 2
- 10 - Sala de Aula 1
- 11 - Sala de Aula 2
- 12 - Aula Infantil 1
- 13 - Aula Infantil 2
- 14 - Hall de Entrada



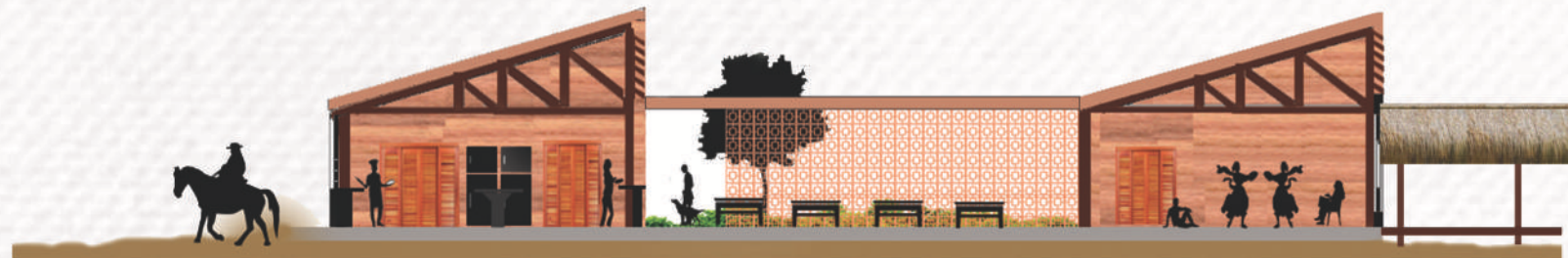
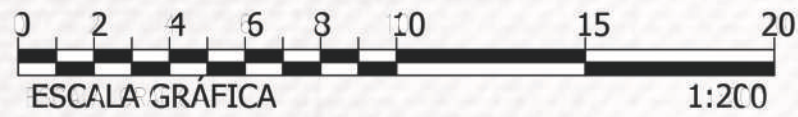
# CORTES:



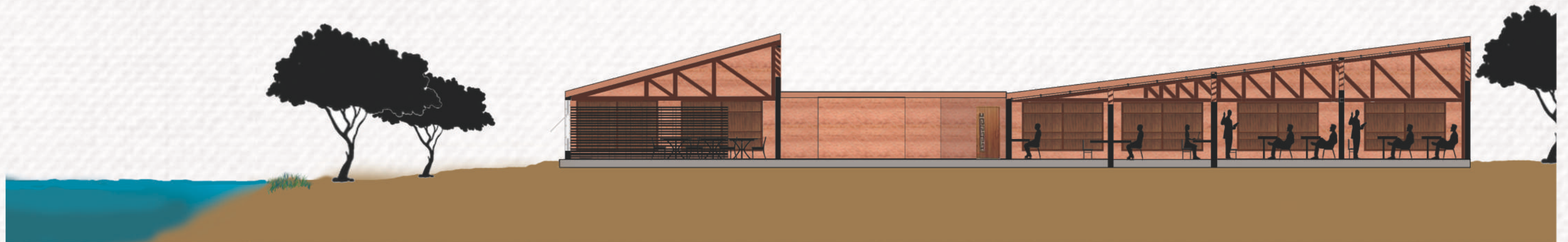
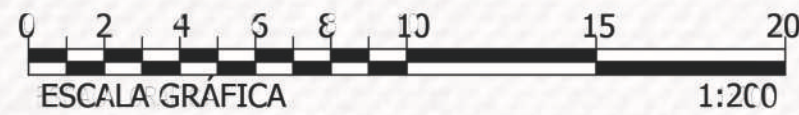
CORTE A



CORTE B



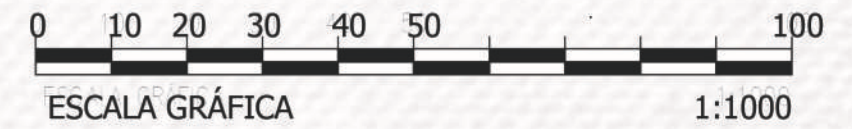
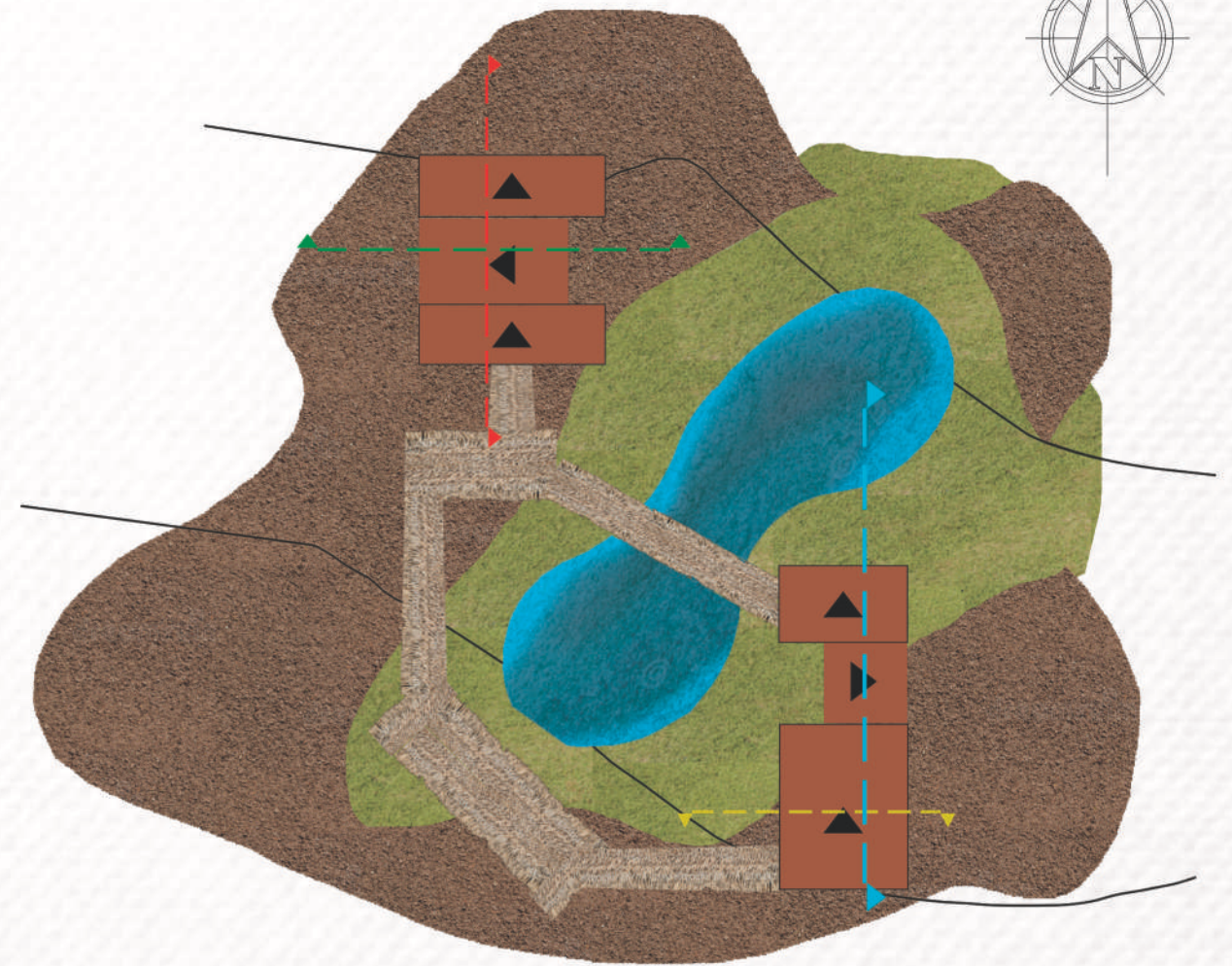
CORTE C



CORTE D



# PLANTA REFERÊNCIA:





# REFEÊNCIAS

AVELAR, G. A. DE PAULA. M. V. COMUNIDADE KALUNGA: TRABALHO E CULTURA EM TERRA DE NEGRO - Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Goiás - 2003, n.9 acesso através de: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/133/o/gilmar.pdf>>

DA SILVA ALVES, IARA CRISTINA. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. POLÍTICAS PÚBLICAS, TERRITORIALIDADE E LIBERDADE DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO KALUNGA, BRASÍLIA, 2015. acessado por: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19130/1/2015\\_IaraCristinadaSilvaAlves.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19130/1/2015_IaraCristinadaSilvaAlves.pdf)>

MENDES, Ludmila Cardoso Fagundes; BESSA, Sofia Araujo Lima. Análise da Evolução Tecnológica da Taipa de Pilão Contemporânea. MIX Sustentável, v. 8, n. 1, p. 66-77, jan. 2022. ISSN 24473073. Disponível em: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/mixsustentavel>>. DOI: <http://dx.doi.org/10.29183/2447-3073.MIX2022.v8.n1.66-77>

VELLOSO, A. D. Mapeando narrativas: uma análise do processo histórico-espacial da comunidade do Engenho II - Kalunga. 2007 . p. 162p (Mestrado em Gestão Ambiental e Territorial) - Departamento de Geografia/ Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília.

NEIVA, A. C. Gomes Rodrigues, SERENO, J. R. Bezerra. Caracterização Socioeconômica e Cultura da Comunidade Quilombola Kalunga de Cavalcante, Goiás, Brasil: Dados Preliminares. 2008 - Universidade de Goiás, Goiás.

RORIZ, Cassia Dias. Ser(Tão) Kalunga - Intervenções no território quilombola Engenho II - Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia - Goiás. <acesso através de: <<http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/9399>>

CARNEIRO, Edison. O quilombo dos Palmares. 4. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1988.

PALACIN, L. e MORAES, M. A. S., História de Goiás, 5a. ed., Goiânia, Ed. UCG, 1989

SILVA, Ana Van Meegen. 1999. Identidade Étnica de uma comunidade remanescente de quilombos. 102 f. Monografia de conclusão de Curso. Universiteit em Amsterdã-Holanda, 1999. Disponível em: [A.v.Meegen@ubvu.vu.nl](mailto:A.v.Meegen@ubvu.vu.nl)>

BAIOCCHI, Mari de Nasaré. Kalunga: povo da Terra. Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999

MEC/SEF. Uma História do povo Kalunga. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF, 2001.



Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Presidência da República [do Brasil], Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, [2003].Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/civil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/civil_03/leis/2003/L10.639.htm) >.Acesso em: Maio de 2022.

Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE). Texto-referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação escolar quilombola. Brasília, DF: CNE, 2011.

SITE:

[https://www.cavalcante.go.leg.br/leis/legislacao-municipal/2012/lei-1071-2012-plano-diretor-de-cavalcante/6-diagnostico-do-municipio/diagnostico-do-municipio\\_cavalcante](https://www.cavalcante.go.leg.br/leis/legislacao-municipal/2012/lei-1071-2012-plano-diretor-de-cavalcante/6-diagnostico-do-municipio/diagnostico-do-municipio_cavalcante)

<https://sustentarqui.com.br/taipa-de-pilao-o-que-e-como-fazer-quais-sao-suas-vantagens/>

**OBRIGADO!**



**EDUKALUNGA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO -  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA POLITÉCNICA DA PUC-GO  
ARQUITETURA E URBANISMO**

**RENAN DE MORAES MIRANDA**

**GOIÂNIA, JUNHO DE 2022**

